

CAPÍTULO 8

EDUCAÇÃO, LETRAMENTO E LITERATURA ANTIRRACISTAS: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA E DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL FRENTE À HERANÇA COLONIALISTA



<https://doi.org/10.22533/at.ed.421142425118>

Data de aceite: 04/12/2024

Cristiano Vileno Conceição Santos

RESUMO: Este estudo busca analisar como os efeitos sociais históricos, fruto do Colonialismo, refletem na importância da literatura e na contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem antirracista, ressaltando como esse processo histórico foi atingido na Educação Infantil contra a alienação e desinformação dos fatos e de abordagens histórica e social, sobretudo, por ser ainda desafiador que os Educadores/as atuem na atividade de contar histórias e que saibam incluir no processo de ensino/aprendizagem conteúdos históricos antirracistas, como instrumento de representatividade, mesmo que este tenha de enfrentar ainda a escassez de histórias e estudos de literaturas infantis antirracistas voltada aquela para os anos iniciais de formação.

ANTI-RACIST EDUCATION,
LITERACY AND LITERATURE: THE
IMPORTANCE OF LITERATURE AND
STORYTELLING IN CHILDHOOD
EDUCATION IN FRONT OF
COLONIALIST HERITAGE

ABSTRACT: This study seeks to analyze how the historical social effects, a result of Colonialism, reflect on the importance of literature and storytelling in the anti-racist teaching-learning process, highlighting how this historical process was achieved in Early Childhood Education against the alienation and misinformation of facts and of historical and social approaches, above all, because it is still challenging for Educators to act in the activity of storytelling and that they know how to include anti-racist historical content in the teaching/learning process, as an instrument of representativeness, even if it still has to face the scarcity of stories and studies of anti-racist children's literature aimed at the initial years of formation.

INTRODUÇÃO

A literatura, arte que contempla o desenvolvimento do imaginário individual e coletivo, desempenha relevante papel na Educação Fundamental, sobretudo, nos anos iniciais de formação, quando as crianças estão em processo de aprendizagem e letramento, desenvolvendo prazer pela leitura ainda no processo de alfabetização, onde devem ser se trabalhadas habilidades linguísticas e socioemocionais necessárias para se viver em sociedade e estabelecer contratos sociais.

Partimos, portanto, da compreensão da importância da literatura Infantil na construção do saber empírico das crianças em seus processos formativos e no ambiente escolar, permitida a partir da imersão no mundo da fantasia e, na Contemporaneidade, de conteúdos sociais e antirracistas, isso porque a Educação Infantil trata-se de fase imprescindível para o desenvolvimento cognitivo e interpessoal das crianças, quando se deve estimular a compreensão e a interação com narrativas não apenas de cunho fantasioso.

Metodologicamente, este estudo se baseia na pesquisa de abordagem qualitativa, a partir de conceitos baseados em estudos bibliográficos que tratam da questão da Educação Infantil e, ainda, de temáticas como colonialismo e colonialidade, tais como: Abramovich (1995); Colomer (2007); Ludmila Ribeiro (2019); e Souza e Bernardino (2011), entre tantos outros.

ARTE, LITERATURA, LETRAMENTO E DOMINAÇÃO

Vendo a literatura como arte que tem por base uma diversidade de narrativas de prosa e de poesia, sobretudo, durante o processo de contação de histórias, é vital que esta prática não seja alienante, ao contrário: Que possa promover a não alienação intelectual das crianças na Educação Infantil, uma vez que se trata de excelente período para se desenvolver o processo do senso comunicativo e de transmissão de valores sociais, culturais, coletivos e raciais, que podem ser apreendidos através de uma história lida ou contada em diferentes espaços, não apenas restrita ao espaço escolar.

É assim que será possível o desenvolvimento, a continuidade e a transmissão de saberes – passados de geração em geração, capaz de promover a continuidade a partir da aplicação de metodologias inovadoras de desconstrução de preconceitos e da valorização de conteúdos antirracistas nas narrativas coloniais que assolaram o Brasil durante décadas de opressão, sobretudo, pelas características das pessoas negras e, não necessariamente, sua afro-descendência, o racismo se incorpora pela cor da pele, a característica distintiva do racismo brasileiro é que ele não incide sobre a origem racial das pessoas, mas sobre a cor de sua pele (RIBEIRO, 2006, p. 206).

É dessa forma que precisamos ter clareza sobre o nosso triste passado escravocrata, ou seja, a vivência da discriminação da cor negra e, quando muitas práticas foram reconhecidas como erradas; além de obras infantis que promovem a igualdade de raça, gênero e cor, evitando o pensamento da branquitude, estabelecida como cor de pele dominante, e crianças negras se autoafirmando morenas em consequência da perpetuação desse pensamento da “cor ideal”. Para Djamila Ribeiro: “Compreende-se que prevalece, em todo o Brasil, uma expectativa assimilação-ista, que leva os brasileiros a supor e desejar que os negros desapareçam pela branquização progressiva. Ocorre, efetivamente, uma morenização dos brasileiros” (RIBEIRO, 2006, p. 206)

É importante que essas ideias e conteúdos sejam passados de maneira gradativa e natural, a fim de não gerar resistências, principalmente no contexto escolar, conforme ressalta Abramovich (1995):

É através de uma história, que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir, ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo de história, geografia, filosofia política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

É importante frisar que costuma haver forte resistência por parte das crianças diante do ensino formal didático, herança autoritária que historicamente trata o processo da aprendizagem e da leitura como obrigatório e maçante, retirando a ludicidade da descoberta das palavras e de se contar/ouvir uma história, daí a importância da literatura – aliada que pode incentivar e fomentar o trabalho de conscientização social do professor, pois o contato oral com a literatura através da contação de história enfatizando o processo de desenvolvimento da linguagem, das ideias e valores em geral, conforme Barros (2013) ressalta:

A importância da literatura infantil se dá no momento em que a criança toma contato oralmente com ela, e não somente quando se torna leitora. Dessa forma, ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer. É através dela que a criança pode conhecer coisas novas, para que seja iniciada a construção da linguagem, da oralidade, de ideias, valores e sentimentos, os quais ajudarão na sua formação pessoal (BARROS, 2013, p. 22).

UM PROCESSO HISTÓRICO DE DOMINAÇÃO E AUTORITARISMO

Apoiando-se na linguagem e oralidade, é desse modo que quando se ensina literatura infantil na Educação Básica há necessidade de se incluir contexto e problemáticas sociais e históricas que possam repercutir no cotidiano dos/as alunos/as, como, por exemplo, a discussão de episódios classistas e de preconceito que se repetem até hoje no Brasil.

Episódios que têm por base a aristocracia européia que manteve extenso poder no período do Brasil Colônia (1530/1822), a partir da liderança de Martim Afonso de Souza¹, enviado da Coroa Portuguesa que expulsou as tropas francesas do Brasil e garantiu a criação da Vila São Vicente, núcleo de povoamento localizado no litoral paulista. Logo, a presença de diversas figuras que protagonizaram esse período de colonização brasileira deixou um legado de dominação, subserviência e autoritarismo, mesmo após a Independência do Brasil, proclamada em 7 de setembro de 1822 por Dom Pedro I. Contudo, o Brasil só irá abolir muitos anos depois, em 1888, o que explica, em parte, a segregação racial que perdura na forma do racismo e que alcança os dias de hoje.

Por outro lado, é importante compreender e diferenciar Colonialidade de Colonialismo, apesar de relacionados, mas com particularidades que os diferencia. No Colonialismo se enfatiza a dominação e controle baseado na exploração de uma classe por outra. Conforme Quijano (2007) explicita:

O controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada possui uma diferente identidade e as suas sedes centrais estão, além disso, em outra jurisdição territorial. Porém nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O Colonialismo é, obviamente, mais antigo; no entanto a colonialidade provou ser, nos últimos 500 anos, mais profunda e duradoura que o colonialismo. Porém, sem dúvida, foi forjada dentro deste, e mais ainda, sem ele não teria podido ser imposta à inter-subjetividade de modo tão enraizado e prolongado (QUIJANO, 2007, p. 93).

Sendo a colonialidade podemos identificar sua subjetividade implícita nas relações sociais, que perduram de maneira enraizada e a todo momento as políticas públicas tentam reparar para não gerar retrocessos, como o período colonialista e a ausência de equidade e igualdade para todos. Esse contexto histórico se refletirá nos processos educacionais e de letramento, ou seja, no dia a dia dos professores, alcançando o comportamento dos alunos e, de resto, em toda a sociedade, conforme ressalta Nelson Maldonado Torres (2007):

O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta idéia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da idéia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente (TORRES, 2007, p. 131).

1. Martim Afonso de Sousa (1500-1571) foi um militar e administrador português. Comandou a primeira “expedição colonizadora” enviada ao Brasil pelo Rei de Portugal D. João III em 1530. Martim Afonso foi donatário da Capitania de São Vicente e desempenhou papel fundamental na expulsão dos franceses das costas brasileiras e na consolidação do império colonial português. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/brasil-colonia/#:~:text=O%20Brasil%20Col%C3%B4nia%20na%20Hist%C3%B3ria,per%C3%ADodo%20de%201530%20a%201822.>>.

É dessa forma que, apesar do processo de descolonização, a colonialidade perdura moldando o ideário de classe dominante e dominada, reverberando a ideia de que, mesmo com o advento das emancipações das colônias latino-americanas africanas e asiáticas, a influência colonialista infelizmente chega na Educação, na empregabilidade, na cultura, nos negros e povos originários.

É exatamente devido a esse passado e triste legado histórico que as escolas precisam acionar esse papel na educação infantil, o de ler e explicar as consequências do colonialismo e sobre como cada professor pode identificar, mesmo que de maneira subjetiva, a colonialidade presente nos mais diferentes espaços, inclusive aqueles fora da escola, o que Ribeiro (2019) sugere como prática antirracista:

Conversar em casa com a família e com os filhos, e não só manter uma imagem pública, com destaque para as redes sociais, também é fundamental. Algumas atitudes simples podem ajudar as novas gerações, como apresentar para as crianças livros com personagens negros que fogem de estereótipos ou garantir que a escola dos seus filhos aplique a Lei n. 10639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação para incluir a obrigatoriedade do ensino da história africana e afro-brasileira (RIBEIRO, 2019, p.41).

Partindo do preceito da preparação de uma nova geração de pessoas mais preparadas e informadas em relação às práticas antirracistas, buscando no imaginário através da leitura e escrita o amparo necessário que a capacidade inesgotável da literatura nos proporciona, sua função, para além de entreter, se sobressai enormemente no momento de expor a violência sofrida pela população negra e a representatividade dos povos, através de um trabalho que consiga expor o entendimento das crianças, por isso é necessária a compreensão de que essa reparação histórica precisa acontecer não somente no contexto jurídico dos Direitos, mas numa maior representatividade acadêmica e artística, onde o imaginário tenha “voz” e o lúdico reflita as construções sociais, suas carências e lacunas, caminho que não reforça a abordagem de matriz europeia como referência de poder em relação a outros povos, tidos como inferiores – processo histórico que deixou marcas na educação, política e economia brasileiras; situação observada pelo CNE, Conselho Nacional de Educação, que adota a interculturalidade como processo necessário nas escolas de todo o país, sobretudo, ao adotar temáticas que envolvam o respeito e a valorização das diferenças entre os povos, com uma legislação de enfrentamento ao racismo e à xenofobia, objetivando a importância das Relações Étnico- Raciais:

A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam a todos respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira (BRASIL, 2004b, p. 01).

INTERCULTURALIDADE E PEDAGOGIA ANTIRRACISTA NA LITERATURA E HISTÓRIA

A literatura apóia-se em construções sociais do conhecimento adquirido dentro dos espaços escolares e não escolares, fazendo as crianças refletir sobre temáticas que envolvam raça, cor e etnia, com as diretrizes curriculares voltadas para a desconstrução do processo de escravização sofrida pelos povos africanos trazidos para o Brasil. É dessa forma que o ensino de História reitera a visão de concepções e contribuições dos saberes de diferentes povos que integram o continente africano, conforme o parecer do CNE sobre o ensino de História nas escolas brasileiras:

Em História da África, tratada em perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e discriminações que atingem o continente, nos tópicos pertinentes se fará articuladamente com a história dos afrodescendentes no Brasil e serão abordados temas relativos: - ao papel dos anciões e dos griots como guardiões da memória histórica; - à história da ancestralidade e religiosidade africana; - aos núbios e aos egípcios, como civilizações que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da humanidade; - às civilizações e organizações políticas pré-coloniais, como os reinos do Mali, do Congo e do Zimbabwe; - ao tráfico e à escravidão do ponto de vista dos escravizados; - ao papel dos europeus, dos asiáticos e também de africanos no tráfico; - à ocupação colonial na perspectiva dos africanos; - às lutas pela independência política dos países africanos; - às ações em prol da união africana em nossos dias, bem como o papel da União Africana para tanto; - às relações entre as culturas e as histórias dos povos do continente africano e os da diáspora; - à formação compulsória da diáspora, vida e existência cultural e histórica dos africanos e seus descendentes fora da África; - à diversidade da diáspora, hoje, nas Américas, Caribe, Europa, Ásia; - aos acordos políticos, econômicos, educacionais e culturais entre África, Brasil e outros países da diáspora (Parecer do CNE, 2004a, p. 12).

Essa visão de valorização e reconhecimento dos diversos povos presentes no continente africano muda a perspectiva ao destacar a importância dos grandes feitos dos povos africanos escravizados no Brasil, pois sem eles áreas como mineração no Brasil não seriam possível – esse processo chegou aqui no Brasil com eles e feito por eles, sem a remuneração dos trabalhos realizados.

O ensino de História nos anos iniciais até o Ensino Médio tem a missão de levar práticas antirracistas com uma abordagem socioeducativa, pautada nas diretrizes que o CNE elabora e que sofrem influência política, adaptando esse processo para ser trabalhado de maneira assertiva em sala de aula, trazendo as contribuições nas diversas áreas do saber advindos dos povos africanos. Logo, é decisivo começar esse processo na base educacional brasileira, capaz de aproximar as crianças das narrativas históricas em seus cotidianos, daí a importância de se destacar autores negros e negras, haja vista a predominância da população negra no Brasil, mas que, por tendências coloniais, sofreu profundo apagamento social em relação à representatividade, segundo Ribeiro (2019):

O apagamento da produção e dos saberes negros e anticoloniais contribui significativamente para a pobreza do debate público, seja na academia, na mídia ou em palanques políticos. Se somos a maioria da população, nossas elaborações devem ser lidas, debatidas e citadas" (RIBEIRO, 2019, p. 64).

Partindo do princípio de que a literatura preta recusa o apagamento dos saberes negros e do racismo internalizado. Para isso, a literatura pode exercer papel relevante de conscientização através de diferentes gêneros textuais, como poesia, prosa, contos e ensaios, sob a ótica do respeito e da empatia, da interculturalidade e de suas contribuições à sociedade brasileira.

Trabalhando juntamente com a infância a desconstrução dos preconceitos velados da sociedade, é possível efetivar na prática a ideia de reparação, sobretudo, através da contação de histórias – elemento provocativo do imaginário infantil, conforme explicita MÁXIMO-ESTEVES (1998): "O prazer que a criança tem de ouvir e contar histórias são um claro indicador de que a fantasia e a imaginação são muito importantes para ela conhecer e compreender. Ora as histórias são o modo mais corrente de integrar a cognição e a imaginação, a Educação Ambiental e a fantasia" (MÁXIMO-ESTEVES, 1998, p. 142).

A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA ANTIRRACISTA NAS NARRATIVAS

Essa nova abordagem de letramento e de fruição literária infantil de que falamos pode se efetivar através da fala, expressões e da corporeidade, capaz de envolver e entreter o aluno com conteúdo explicitado formando uma conexão da criança com seu imaginário e cotidiano. A identificação com narrativas próximas de sua realidade e personagens que vivem problemáticas semelhantes as suas leva o leitor a re-elaborar e refletir seu papel social, contribuindo para a afirmação de uma identidade étnica (DEBUS, 2007, p.1).

Sendo as narrativas próximas à realidade do leitor o processo de base que é a contação de história não deve se restringir apenas à educação infantil. A contação de história, por exemplo, é considerada arte presente em diferentes culturas no mundo todo, desempenhando papel importante na preservação da história, mitologia, tradições e valores de um povo, pois não basta só ler a história, é necessário preparo para tal. Sisto (1992) explicita acerca da preparação:

Aprender uma história para contar é como construir um filme. Temos que visualizar mentalmente cada coisa que vai sendo contada. Sermos capazes de recontá-la de memória sem que tenha sido preciso decorá-la. Selecionei os gestos e as vozes que serão utilizados como continuadores da palavra. A palavra, por sua própria força, demanda gestos e expressões que surgem de forma orgânica, como continuidade, nunca como ruptura. Um contador de histórias é também uma gente de sua língua. Por isso a correção, a clareza, a eliminação de vícios de linguagem e a preservação da literalidade do texto, mesmo numa fala cotidiana, devem fazer parte de suas preocupações (SISTO, 1992, p. 43).

Com atenção voltada para a oralidade e na maneira que aquela história contada deve ter por base a literatura antirracista, que divulga informação através da leitura e da escrita, pois quando existe um projeto de contação de história que explique os fatos sem omitir as consequências históricas, como as perpetradas pela escravidão, com atenção às falas racistas que, muitas vezes, não intencionam, mas perpetuam o racismo em falas e atitudes, conforme afirma Djamila Ribeiro: “Claro que não, afinal tenho amigos negros”, “Como eu seria racista, se empreguei uma pessoa negra?”, “Racista, eu, que nunca xinguei uma pessoa negra?” (RIBEIRO, 2019, p. 37).

A exposição à literatura ajuda os alunos a expandir seus vocabulários, melhorar suas habilidades de leitura e aprimorar a compreensão textual. Através da leitura, os alunos são expostos a estruturas gramaticais mais complexas, estilos de escrita variados e uma ampla gama de palavras. Isso os ajuda a se tornarem bons comunicadores e a desenvolver sua expressão escrita e oral, mas a experiência de leitura é individual, daí o caminho individual para emergir em um livro – eis a base central do processo de aprendizado, como destaca COLOMER (2007):

Na representação dominante, o leitor é um pescador. O leitor lê como um pescador pesca. É solitário, imóvel, silencioso, atento ou meditativo, mais ou menos hábil ou inspirado. Considera-se evidente que o leitor é leitor quando lê e o pescador é pescador quando pesca, nem mais, nem menos. Aprender a pescar como aprender a ler consiste então em dominar certas técnicas básicas e experimentá-las, progressivamente, em correntes de água ou frotas de textos cada vez mais abundantes (PRIVAT, 2001, p.54 apud COLOMER, 2007, p.51).

A literatura permite aos alunos se colocarem no lugar de personagens diversos, com experiências de vida diferentes das suas. Isso ajuda a desenvolver a empatia e a compreensão do meio em que está inserido, forma de arte que reflete e preserva a cultura e história de uma sociedade, conforme Cosson (2005):

O corpo linguagem, o corpo palavra, o corpo escrita encontra na literatura seu mais perfeito exercício. A literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante. A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer o mundo reconstruído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita. Em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos (COSSON, 2005, p. 16).

A arte literária pode refletir força e ancestralidade da linguagem, dá voz e proporciona liberdade de expressão, assim como nas músicas e danças. Ao estudar obras literárias, os alunos podem se conectar com diferentes períodos históricos, entender contextos culturais e apreciar o patrimônio literário de uma nação. Isso ajuda a construir uma identidade cultural e fortalece o senso de pertencimento dos alunos, promovendo a aceitação da diversidade e o respeito às diferenças, bem como vivenciar diferentes perspectivas culturais, sociais e históricas etc.

Como paradigma da leitura, a literatura tem o papel de agente transformador, pois vai muito além da diversidade social é um instrumento de fenomenologia cultural, social e de linguagem, conforme ressalta Coelho (2000): “Fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social e cultural” (COELHO, 2000, p. 320).

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO SÓCIOCognITIVO DA CRIANÇA

A exposição à literatura desde cedo ajuda as crianças a desenvolver suas habilidades de linguagem e comunicação. Ao ouvir histórias, elas são expostas a um vocabulário rico e a diferentes estruturas linguísticas. Isso amplia seu repertório linguístico, ajuda-as a adquirir novas palavras e a compreender melhor a estrutura da língua. Além disso, a literatura estimula as crianças a se expressarem verbalmente, contando suas próprias histórias, compartilhando ideias e participando de discussões. E a leitura faz a criança compreender a importância de diferentes tipos de texto, como ressaltam BRYANT; BRADLEY (1987):

Aprender a ler, mesmo as sentenças mais simples, está sujeito à dependência de muitas habilidades diferentes. Percepção, memória, decomposição das palavras em seus sons constituintes, ligação de padrões escritos com falados, aprendizado de regras (e elaborar as várias exceções e essas regras) e fazer interferência linguísticas são habilidades que parecem ter pouco a ver entre si, mas que devem se agrupar quando as crianças começam a ler (BRYANT; BRADLEY, 1987, p.18).

A literatura infantil, com suas histórias encantadoras, personagens fantásticos e mundos imaginários estimula a imaginação e a criatividade das crianças. Elas são transportadas para outros lugares e vivem aventuras através das histórias. Isso ajuda a desenvolver a capacidade das crianças de criar e imaginar, incentivando a originalidade e o pensamento criativo. A criança necessita ser incluída no mundo literário, e se desenvolver intelectualmente através das histórias contadas, ainda que na qualidade de ouvintes, conforme explicitam SOUZA; BERNARDINO (2011): “Ouvir história é recuperar a herança empírica do homem, seus medos, descobertas e desejos. As crianças sabem muito bem o que é essa herança empírica no turbilhão de sentimentos que vivenciam, é onde entra a figura do professor/contador de histórias como mediador deste processo de aprendizagem” (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 242).

Oferecer às crianças oportunidades de explorar uma ampla gama de emoções e desenvolver habilidades cognitivas é algo urgente para seu desenvolvimento. Ao se envolverem com personagens e situações das histórias, elas aprendem a identificar e expressar suas próprias emoções, bem como a compreender as emoções dos outros. Também ajuda no desenvolvimento de habilidades cognitivas, como memória, atenção e raciocínio lógico, à medida que as crianças acompanham a trama, fazem conexões entre eventos e resolvem problemas narrativos.

Ao vivenciar essas histórias, as crianças são expostas a ricas perspectivas, valores e culturas, o que promove empatia e empoderamento racial. Vale ressaltar que o tempo adequado do exercício da leitura infere na capacidade de entendimento, conforme o tempo certo para tal atividade, segundo Souza e Bernardino (2011):

O horário adequado é aquele em que as crianças estão relaxadas para pensar sobre a história que viram ou escutaram, mostrar o livro à criança e deixar que esta o manuseie é importante para a interação com o objeto; antes do recreio ou almoço ou ao final do dia são os melhores momentos para a contação. Quando ao espaço físico, sugere ambientes fechados, que evitem a dispersão, como a sala de aula; o bom é criar um ambiente de aconchego e a proximidade mantendo as crianças próximas em círculo (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 247).

Assim, a criança desenvolve empatia pelos personagens e a compreender diferentes pontos de vista. Isso contribui para formações inclusivas e conscientes das diferenças, além de auxiliar no processo da escrita dentro e fora da sala de aula, algo que irá repercutir para toda vida. Lerner (2002) explicita essa prática:

como estão em primeiro plano os propósitos didáticos, que são mediados do ponto de vista que eles necessitam aprender para utilizá-los em sua vida futura, os propósitos comunicativos – tais como escrever para estabelecer ou manter contato com alguém distante, ou ler para conhecer outro mundo possível e pensar sobre o próprio desde uma nova perspectiva – costuma ser relegados ou, inclusive, excluídos de seu âmbito. Essa divergência corre o risco de levar a uma situação paradoxal: se a escola ensina a ler e escrever com o único propósito de que os alunos aprendam a fazê-lo, eles não aprenderão a ler e escrever para cumprir outras finalidades (essas que a leitura e a escrita cumprem na vida social); se a escola abandona os propósitos didáticos e assume os da prática social, estará abandonando ao mesmo tempo sua função ensinante (LERNER, 2002, p.19-20).

Ainda que a prática da leitura seja um processo natural na Educação Infantil, essas práticas viabilizam a melhoria do processo de leitura dos alunos, uma vez que, na grande maioria, não realizam visitas às bibliotecas, tampouco são incentivados a irem sem parecer uma obrigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem literária contemporânea (e-books, audiolivros, leitura presencial em sala de aula, roda de leitura e podcasts disponíveis em diversas plataformas) deve preservar a ancestralidade cultural e religiosa dos brasileiros, conectando pessoas sem esquecer do passado de cada povo. Como exemplos desse esforço, podemos listar o desenvolvimento da linguagem e de habilidades de comunicação; o estímulo à imaginação e criatividade e a promoção da empatia, compreensão e estímulo ao pensamento crítico e reflexivo.

A literatura é peça-chave no desenvolvimento do pensamento crítico. Através das histórias, os alunos são transportados para mundos imaginários, encontram personagens intrigantes e exploram situações desafiadoras. Essa experiência de imersão na narrativa literária incentiva a criatividade dos alunos permitindo-lhes criar suas próprias histórias, desenvolver ideias e explorar possibilidades.

Essa dinâmica de manter as crianças próximas umas das outras facilita a troca de vivências e socialização umas com as outras, tornando o lugar da literatura como algo lúdica, rica em pontos de vista e interpretações. Através da literatura, a criança aprende e se coloca no lugar do outro, desenvolve empatia pelos personagens e comprehende pontos de vista diversos. Isso contribui para a formação de futuros adultos, mais tolerantes, inclusivos e conscientes.

Por fim, o papel da literatura acaba sendo o de reforçar o papel de educar cidadãos, sob a ótica da inclusão social e a participação dos agentes educadores, a partir da ressignificação dos processos de compreensão da história, capaz de reforçar a práxis da pedagogia antirracista através de livros com protagonistas negros em histórias e nas mais diversas áreas do saber.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.
- BARROS, P. R. P. D. B. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. 2013. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo, 2013.
- BRYANT, Peter; BRADLEY, Lynette. **Problema de leitura na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. **Letramento literário: Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

DEBUS, E.S.D. **A literatura infantil contemporânea e a temática étnico-racial: mapeando a produção**. Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil - Seminário de Literatura Infantil e Juvenil, 2007.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MÁXIMO-ESTEVES, Lídia. **Da Teoria a Prática: educação ambiental com crianças pequenas ou o fio da história**. Porto, Portugal: Porto Editora Ltd., 1998.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTROGÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Orgs.). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, L. O. de; BERNARDINO, A. D. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. Educere et Educare, v. 6, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewFile/4643/4891>>. Acesso em: 18 jun. 2023.